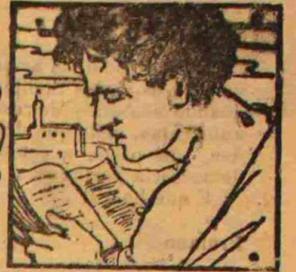




A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (20 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do paiz acresce o importe do selo.

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Maclei Barbosa

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 757

Uma reunião

São convidados todos os membros dos grupos Aurora Social e Propaganda Libertaria a reunirem, hoje, pelas 9 horas, na Praça das Flores, afim de se discutir conjuntamente um assunto de grande importancia. E' indispensavel que nenhum desses camaradas falte a essa reunião.

Os argumentos

de Malato

Emílio Costa transcreve no *Germinal* parte dum artigo de Malato em resposta a Malatesta.

Malato diz que, entre os anarquistas, a acção revolucionaria tem sido estorvada por um excessivo doutrinarismo. A quem elle o diz! Quem, mais do que Malatesta, tem lutado, com actos e palavras, contra esse mal? Mas aqui trata-se precisamente de saber qual a acção revolucionaria que deve ser empreendida, ou melhor, qual a acção que é revolucionaria neste momento, qual a pratica que neste instante mais convém ás nossas teorias. E se os factos destruíram certos principios (ahi então sempre há mudança), quais são esses principios, quais são os «dogmas» a discutir, por que razão, em tempo de crise, devemos abandonar a nossa linha de conduta e o nosso papel especifico; que acção, que influencia social, que razão de ser tem uma doutrina, um partido, um movimento que se tem métodos próprios para os estudos de gabinete ou para as épocas pacificas e normais, abandonando-os na primeira tempestade social provocada pelos Estados, subordinando-se docilmente a um fatalismo historico.

Uma revolução social não se faz em bloco, em cinco minutos—diz Malato a Malatesta, que tam bem e tam lucidamente o tem sustentado. Mas a questão está em saber caminhar para ella, em entrar no bom caminho.

Uma greve, uma revolução, de modestos inficios, já está no bom terreno. E assim mesmo, só favorecemos nela as ideias, actos e métodos que a encarreiram no sentido desejado, combatendo a colaboração de classes, a intervenção do Estado e dos politicos, o reformismo legal, o egoismo corporativo, etc. . .

Emílio Costa suprimiu a passagem em que Malato diz: «Mesmo a grande revolução, que de francesa se fez humana e mudou a face do mundo, teve a sua evolução que durou anos, começando aos gritos de: «Viva o rei! Viva o duque de Orleans!» e acabando por decapitar nessas duas personagens a monarchia e a nobreza. Deviam os homens da vanguarda desinteressar-se da revolução por causa dos gritos extravagantes que a acompanhavam ou dos elementos mesclados com os quais nela se acotovelavam?»

Não; mas certamente não davam também vivas ao rei: combatiam os elementos mesclados (hoje, ainda com mais razão) e procuravam alargar a revolução. Foi a obra dos «anarquistas» da época. E depois tratava-se duma revolução, não duma guerra entre Estados, para servir os interesses destes, com os seus métodos e instituições, com a servidão militar, entre Estados que se servem clamorosamente, para os seus fins,

até da adesão íntima ou aparente de alguns revolucionários sociais.

Como mostrou Grave no artigo publicado no nosso penúltimo numero e já tínhamos dito em 6 de Setembro, esta guerra não se parece sequer com as guerras da Grande Revolução—posteriores a ella—para as quais os *sans-culottes* só marcharam depois de se ter livrado dos seus inimigos do interior, como em Setembro, quando o invasor já vinha a caminho de Paris.

—E então, porque há deserdados em Atenas, deve-se deixar Xerxes esmagar a Grécia?

Já *Volontá* fez notar que o exemplo é bem infeliz, porque então os escravos ou não eram enviados á guerra ou, sendo-o, recebiam em troca a liberdade. Demais, se lá fossem como escravos, não marchariam provavelmente de bom grado. . .

—Os revolucionários de 70 combateram as ordas de Guilherme I, o que não os impediu de proclamarem a Comunal.

Ora a Comuna, filha do desespero e da derrota,—e não será para isso que os intervencionistas querem ajudar um Estado,—a Comuna teve precisamente na sua origem patriótica e jacobina o seu maior defeito, um germe de morte ou de degeneração.

Demais, foi proclamada em presença do inimigo nacional, contra o inimigo interno, assim como o trono de Napoleão III fora derribado em plena invasão alemã. Só depois da queda do império é que os republicanos lançaram os seus ardentes apelos á defesa da «pátria». Os internacionalistas alegraram-se com a derrota dos exércitos imperiais; e o próprio Vítor Hugo proclamou que os soldados prussianos tinham libertado a França do seu imperador. Quanto a Bakunine, já a Republica estava triunfante quando elle, em vez de apelar para a concórdia nacional, incitava o povo á revolução contra o governo e a burguesia.

Não sendo embora possível a revolução, não tem os anarquistas um papel bem seu e para o qual não são demais todas as suas forças? Sobretudo durante uma grande crise.

Malato diz que Malatesta, no íntimo, sabe que há uma diferença entre a Inglaterra e França dum lado e a Alemanha e Austria do outro (a Rússia fica de fora, embora Malatesta a ella se tenha referido). Conhecemos, por inúmeros escritos, o pensamento de Malatesta a tal respeito. A diferença, como diz o próprio Malato, é na «opinião publica», não no governo e nas formas politicas. Malatesta, graças á pressão da opinião, não foi expulso da Inglaterra monarchica; mas foi expulso da Republica francesa, onde elle está vedada a entrada.

Ora a guerra, sobretudo quando vitoriosa, reforça o poder do Estado, do militarismo e do clericalismo. E se o povo francês é mais capaz de resistir a isso, se podemos, entre os dois males, entre as duas vitórias, preferir a que tenha maior contrapeso, não é isso motivo para a proclamarmos vitória nossa, vitória da liberdade, para favorecermos o imperialismo de casa. Se a guerra pode indirectamente provocar uma reacção benéfica da parte do povo, se pode causar um desequilíbrio favorável á revolução, mais um motivo para a combatermos e para desligarmos cuidadosamente a nossa responsabilidade da dos governantes. A guerra entre Estados não é, como a revolução, meio directo de defender a liberdade contra os governos. O que ella tende é a dar força a um em prejuizo de outro.

Liebkaecht não está só

O comité da «Liga Alemã Humanitária», por ocasião do ano-novo, lançou aos socialistas da Europa e da América um apêlo que o *Germinal* traduziu e inseriu no seu último número.

São coisas excelentes na boca de alemães, que devem acentuar as responsabilidades especiais do Estado alemão. Sobretudo se um apêlo não foi publicado sómente no jornal inglês *Morning Post* (caso em que poderia prestar-se ás manobras infames da corja kaiserista para lhe destruir o efeito e torná-lo até contra-producente) e se não foi apenas dirigido aos socialistas da Europa e da América: deve ser feito na Alemanha e ao povo alemão.

Vem a propósito uma carta dirigida ao *Arbeiter Freund* (judeu), de Londres, por um camarada que passou na Alemanha os três primeiros meses de guerra.

... Antes de mais nada, permiti que vos diga que todos os anarquistas e sindicalistas conhecidos são contra a guerra, sem excepção. A agitação do partido social-democrático, que desculpa esse acto criminoso dos nossos governantes como necessidade histórica, para desembaraçar o mundo do monstro moscovita, não exerceu sobre elles influencia alguma, pois conhecem muito bem as verdadeiras causas da guerra e não se deixam cegar por afirmações estólicas. Infelizmente, o número deles é bem pequeno na Alemanha, e inda assim. . .

O governo sabe perfeitamente de quem se deve arreacar. Enquanto a maior parte dos jornais social-democráticos podem aparecer livremente «porque os seus redactores prometeram não criticar os actos do governo e evitar qualquer polémica de classes», os jornais anarquistas foram suprimidos. Logo nos primeiros dias da declaração de guerra, foram apreendidos os jornais sindicais *O Pioneiro*, *A Unidade*, *O Trabalhador Livre*, *A Luta*, *O Socialista* e um jornalzinho anarquista da Alemanha do Sul; em Viena foi suprimido o *Bem-estar para todos*, assim como as folhas dos camaradas cheques.

Vendo, logo após a declaração de guerra, a attitude lial da social-democracia, o governo apressou-se a proclamar a amnistia geral para todos os delictos politicos e desertores, aproveitando esta medida a muitos sociais-democratas notórios, como Rosa Luxemburgo. Mas os nossos camaradas foram excluídos desta medida e numerosos jovens amigos nossos se acham aquartelados em batalhões de disciplina, onde executam trabalhos de fortaleza: não quiseram misturá-los com os outros soldados, não fôsseem elles empeçonhados o espirito patriótico. Em Berlim, Hamburgo, Bremen, Hanau, Keln, Dusseldorf e Mogúncia, foram presos outros militantes conhecidos.

Em Berlim e Hamburgo foram distribuídos manifestos antimilitaristas contra a guerra; a policia fez buscas domiciliárias infructíferas. Quando pelo governo alemão foi enviado o ultimatum á Rússia, os nossos camaradas organizaram comícios de protesto em Berlim, Dusseldorf, Hamburgo e outras cidades: os comícios foram prohibidos, presos os organizadores, proclamado o estado de sítio em toda a Alemanha.

A opinião geral não está de modo algum tam entusiasmada como a apresenta a imprensa cotidiana; não há oúvida que a febre guerreira empolgou os cérebros

da massa, sobretudo nos primeiros dias, mas ao mesmo tempo existe um descontentamento nos meios operários, sobretudo, nas organizações social-democráticas, que estão bem longe de estar de acôrdo com os seus chefes. Famosos pastores socialistas como Rosa Luxemburgo, Carlos Liebkaecht, F. Mehring e outros, declararam publicamente que se acham em formal contradicção com a comissão central. Uma coisa é certa: que a actual guerra será a condenação do velho partido social-democrático.

Enquanto o exercito alemão se bate no estrangeiro, o descontentamento geral está mais ou menos oculto. Mas desconfio do que nos reserva o futuro, quando o campo de batalha for transportado para o territorio alemão e quando o militarismo prussiano sofrer a sua primeira derrota. Sempre imaginei impossivel uma revolução na Alemanha; mas agora mudo absolutamente de opinião, e creio firmemente que a Alemanha, então, veria o primeiro sinal da Revolução. . .

A nossa guerra

«A história demonstra que nunca se abandonou um erro e se aceitou uma verdade pacificamente, nem tampouco esta se conservou sem a protecção da força—disse Anselmo Lourenço, e disse bem, entendendo-se a protecção da força contra a violência opressiva.

Diz bem *Volontá* num dos seus últimos números:

«Objectam-los que a revolução há-de ser também uma luta selvagem para chegar á emancipação do proletariado e que no entanto a patrocinamos. Justíssimo! E até, mesmo no que se refere á guerra, dissemos que o contraveno para a matar não pode ser a própria guerra, mas sim a revolução. Se hoje combatemos qualquer proposta de guerra, não é só e tanto pelos seus horrores, como por ser feita pelo Estado, para os seus fins, com os seus meios, em prejuizo nosso e das nossas ideias desprezando a vontade e a liberdade dos que elle empregasse como carne de matadouro e de canhão.

E' este o nó central da nossa opposição á guerra, girando em torno dele outras inúmeras razões de carácter secundário.

Outra coisa é a revolução. Ella seria acto voluntário de libertação dos trabalhadores e dos revolucionários contra o Estado e o Capitalismo, únicos ou principais geradores das guerras. Para impedir as guerras, é preciso destruir o Estado e o Capitalismo; sem o que, qualquer guerra—inclusivé a actual, com ou sem intervenção italiana—lançará e deixará os germes de sucessivas guerras, ainda mais dolorosas»

Bem metida. . .

A propósito da regulamentação das horas de trabalho para os caixeiros, o *Germinal* achou o *mot* da situação, cheio de justiça e de espirito:

«Parece que os caixeiros não tem grande motivo para o seu jubilo. A lei fixada, é verdade, em 10 horas o tempo maximo de trabalho diário, além de 3 horas para refeições. Mas as câmaras municipais que tem de elaborar os respectivos regulamentos, podem conceder uma tolerância de 3 horas por dia. De modo que dez e duas, doze. . . e tres, quinsel está certo.

E' o termo, palavra d'honor! Nem é preciso mais.

Recortes e retoques

Empresários

Com o titulo *Os bastidores da Guerra*, escreve, na *Luta*, o capitão medico sr. Camacho:

«O que os empresarios da guerra fizeram para o tornarem cúmplices dos seus interesses, desastrosos, ou então para ceder o logar á quem fosses mais complice com elles! Lástima foi que o sr. Freire d'Andrade, na plena consciencia de que bem serviria o seu Paiz nada querendo fazer ou tratar que não fosse de pleno accordo com a Inglaterra, lástima foi que s. ex.ª não tivesse um movimento de enérgica decisão quando ainda era tempo de evitar que os tresloucados, os ingénuos, servindo de instrumento, sem darem por isso, a especuladores sem alma, nos creassem a situação entre burlesca e tragica em que nos encontramos, e do que não poderemos sair bem, porque não poderemos sair de cabeça levantada.

Os empresarios da guerra pretendiam que nos declarassemos beligerantes, porque isso justificaria toda a especie de negocio que haveria a fazer para mandarmos para França uma divisão, qualquer coisa como dezotto a vinte mil homens que fossem ensinar aos aliados, não a vencer heroicamente, mas a morrer com heroicidade.

Os desalmados especuladores! Lá que qualquer paisano empregasse tão despejada linguagem, admitte-se; mas que ella seja da casta boca do sr. Camacho, que é assim qualquer coisa como capitão medico do exercito, não se compreende.

Com que então, Snr. Brito, os empresarios da guerra, os desalmados especuladores, criaram ao país uma situação burlesca e tragica de que não poderá sair de cabeça erguida.

E' pena e causa lástima!—que V. Ex.ª não os tenha especado como já o fez no periodo aureo das perseguições democraticas, em que o *camachismo* foi o melhor estêo do *afonsismo*.

Sempre era uma maneira de lhe erguer a cabeça!

A nossa garantia

Na opinião de um articulista do *Mundo*, a garantia de Portugal depende da victoria da puritana Inglaterra e dos aliados. E a prova-lo, escreve, com o titulo *Vergonhoso*:

«Essa campanha que para aí se faz em varios tons e sob formas diversas, tanto em questões de politica externa como interna, se não é inspirada no seu conjunto a generalidade pelos interesses e ambições da Alemanha, serve positivamente á mara-vilha desses interesses e ambições. Este é que é o facto que todos vêem e ninguém por esse país fora deixará de verberar e odiar. A situação portuguesa é demasiadamente clara. A garantia da nossa independencia e da nossa liberdade está absolutamente na victoria da Inglaterra e dos aliados. E para que essa victoria seja completa e se decida o mais rapidamente possível, necessario é tambem que tanto nas nações neutras, como naquellas cujas ligacões com os aliados, ou com qualquer delas sejam bem evidentes exista um ambiente proprio de simpatia e coesão, como elemento valiosissimo de influencia moral»

A cada momento apregoa-se para aí que a unidade latina não é uma coisa vã. Se assim é, como se intende que a independencia de Portugal depende da victoria das armas inglesas?

Nos tínhamos a impressão que o povo guerreiro deste país por afinidades de raça e de ideias, tremia pela situação da França. Mas não. Ele deve ajudar a Inglaterra para que não desapareça a nacionalidade. Certo, que a França democratica é aliada da *Albion*; mas dela é tambem aliada a teocrática e autocrática Rússia, que igualmente se bate contra os teudes.

Ora como a victoria duas implica a dos restantes aliados, temos de concluir que a Rússia *santa* da gélida Sibéria e dos fusilamentos, ignoramos por que tendencias, virá, a final, a concorrer para a estabilidade da Republica portuguesa democratico-progredista.